



**QUEM ENFIA AS CARAPUÇAS? SÁTIRA SOCIAL E ESTEREÓTIPOS SOCIAIS
N' O PIOLHO VIAJANTE (1802-1804)**

**WHO WEARS THE CAP? SOCIAL SATIRE AND SOCIAL STEREOTYPES IN O
PIOLHO VIAJANTE (1802-1804)**

JOÃO PEDRO FERREIRA¹

Resumo

O periódico satírico *O Piolho Viajante* foi publicado em 72 folhetos reunidos em quatro volumes, de 1802 a 1804. Teve uma recepção notável, com sucessivas edições e reimpressões até à segunda metade do século XIX. A crítica social foi um contributo decisivo para a formação da opinião pública e um traço distintivo do humor de *O Piolho Viajante*, editado por António Manuel Policarpo da Silva, livreiro e editor lisboeta. Ao longo das suas viagens, o “Piolho” faz uma sátira ao Portugal do início do século XIX através das carapuças enfiadas na cabeça dos seus alvos, estereótipos sociais representativos da realidade social da época.

Palavras-chave: *O Piolho Viajante*; António Manuel Policarpo da Silva; imprensa; século XIX; história cultural; *Humor studies*.

Abstract

The satirical periodical O Piolho Viajante ('The Travelling Louse') was published in 72 booklets collected in four volumes from 1802 to 1804. It had a remarkable reception, with successive editions and re-impressions into the second half of the nineteenth century. Social criticism was a decisive contribution to public opinion and it was a distinctive feature of the humor of O Piolho Viajante, edited by António Manuel Policarpo da Silva, a Lisbon bookseller and publisher. Throughout its travels, the 'Louse' provides a satire of early-nineteenth-century Portugal by means of the carapuças ('hoods') shoved into the heads of its targets, social stereotypes representing the social reality of the time.

Keywords: *O Piolho Viajante ('The Travelling Louse')*; António Manuel Policarpo da Silva; press; 19th century, cultural history; *Humor studies*.

¹ Investigador integrado do CHAM - Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH), no grupo de investigação Informação, Leitura e Formas de Escrita. Doutor em História e Teoria das Ideias e Mestre em História Cultural e Política pela NOVA FCSH. Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Investiga em história da imprensa, história política e humor studies. É vice-presidente da International Society for Luso-Hispanic Humor Studies (ISLHHS). Membro da International Society for Humor Studies (ISHS) e da Society for the History of Authorship, Reading and Publishing (SHARP). E-mail: jprferreira@fcs.unl.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0860-2471>.

1. Introdução

*O Piolho Viajante Divididas As Viagens Em Mil E Huma Carapuças. Obra muito útil para o Inverno, e para o Verão. Vertida da Lingua Piolha, com algumas notas do Traductor. Dividida Nos Tomos Que Forem, E Offerecida A Quem A Quizer*² foi um periódico publicado em Lisboa entre 1802 (Balbi, 1822, ccxlix) e 1804. Palma-Ferreira adianta que os primeiros fascículos podem ter sido escritos ainda no século XVIII (Palma-Ferreira, 1981, 102). O censor João Guilherme Cristiano Müller (Abreu, 2008, 76-94) emitiu parecer favorável para os dois primeiros folhetos a 14 de julho de 1802 e autorização para imprimir – para aqueles e para os dois seguintes – a 23 do mesmo mês. O despacho favorável para correr o primeiro folheto data de 17 de setembro de 1802 e o último de 27 de abril de 1805 (Tengarrinha, 2013, 139-140). Os últimos folhetos publicados não teriam sido escritos depois de 1804: é essa a data da edição mais antiga consultada do tomo IV. Também de 1804 é a última referência do geógrafo e estatístico veneziano Adrien Balbi a *O Piolho Viajante* no *Essai Statistique* (Balbi, 1822, cclix).

O Piolho Viajante foi publicado anonimamente e o problema da sua autoria originou longa controvérsia. O autor foi enfim identificado como António Manuel Policarpo da Silva, um dos requerentes das licenças para imprimir a obra em 1802, depois dos requerimentos iniciais de António Nunes dos Santos, António Xavier do Vale e João Procópio Correia da Silva (Tengarrinha, 2013, 140).

António Manuel Policarpo da Silva foi livreiro-editor, com loja na Praça do Comércio, “debaixo da arcada do antigo Senado, ou Camara Municipal” de Lisboa, nas primeiras décadas de oitocentos. O seu nome aparece como tradutor de uma publicação contemporânea do *Piolho: Leituras Uteis e Divertidas*, impressa em Lisboa, na oficina de João Procópio Correia da Silva, em 1802. Foi ainda editor do periódico *Varietades*, redigido por D. António da Visitação Freire de Carvalho (Silva, 1867, 235-236). Palma-Ferreira atribui-lhe simpatias liberais, com base no

² Foram consultadas as seguintes edições da fonte: tomo I, edição de 1805, impressa na Nova Oficina de João Rodrigues Neves, e edição de 1846, na Imprensa Nevesiana; tomo II, edição de 1803, com a indicação: “Segunda edição emendada”, impressa na Oficina de António Rodrigues Galhardo, e edição de 1821, com a indicação: “Nova edição emendada”, impressa na Nova Impressão da Viúva Neves e Filhos; tomo III, edição de 1803, impressa na Oficina de João Procópio Correia da Silva, e edição de 1854, com a indicação: “Nova edição emendada”, impressa na Tipografia de J. B. Morando; tomo IV, edição de 1804, impressa na Oficina de António Rodrigues Galhardo, e edição de 1837, com a indicação: “Nova edição emendada”, impressa na Imprensa Nevesiana. Entre as edições mais antigas e as mais recentes de cada tomo verificam-se apenas algumas diferenças de ortografia e pontuação. As citações, salvo indicação expressa, são da edição mais antiga.

pedido de licença para a publicação do manuscrito *Manifesto dos Espanhóis aos Povos da Andaluzia*, negada pela Censura (Palma-Ferreira, 1973, 19-20).

2. “Mil e uma carapuças.” Ou setenta e duas

O humor ocupa um lugar central em *O Piolho Viajante*. Protagonista das viagens, o Piolho satiriza a Portugal do início de oitocentos através das carapuças enfiadas nas cabeças dos seus alvos – tipos sociais representativos da realidade da época.

São 72 as carapuças que se dividem nas quatro partes do periódico, bem menos do que o anunciado no subtítulo “Divididas as viagens em mil e uma carapuças”, inspirado provavelmente no êxito das *Mil e uma Noites* que, na tradução francesa de Antoine Galland, ocupava um dos lugares cimeiros na lista dos livros mais procurados em Portugal e no Brasil nos primeiros anos do século XIX (Abreu 2013, 16).

Com o objetivo de abordar *O Piolho Viajante* em função do problema de aferir o papel do humor do periódico e o seu lugar no espaço público e na construção da opinião pública, optou-se por reordenar a lista das 72 carapuças de acordo com uma grade temática que acolhe os critérios seguidos na obra para a distribuição dos diferentes tipos. Constatou-se que o critério da atividade socioprofissional é usado em 45 carapuças, isto é, 62,5% dos capítulos do periódico; os traços de carácter cobrem 12 (16,7%); a condição física ou psicológica, incluindo a deficiência, serve para apontar 8 (11,1%); a origem étnica ou regional 4 (5,6%); e a ligação familiar a portadores de outras carapuças 3 (4,1%). Não obstante a utilização destes últimos critérios – traços de carácter, condição física ou psicológica, origem étnica ou regional – num total de 37,5% das carapuças, convém sublinhar que, tal como nos restantes capítulos, também nestes se manifesta a crítica social que, mais do que uma simples crítica de costumes, constitui a marca diferenciadora de *O Piolho Viajante* em relação, por exemplo, aos periódicos de José Daniel Rodrigues da Costa seus contemporâneos (Ferreira 2023, 106-120).

Por outro lado, o elenco temático das carapuças permite identificar os alvos das “picadelas” do Piolho, estereótipos ilustrativos da realidade social portuguesa na passagem do século XVIII para o século XIX (Palma-Ferreira, 1980, 157).

A antipatia pela figura do morgado (carapuça XXXIII), através da qual o Piolho revela uma clara rejeição dos valores que norteiam a sociedade do Antigo Regime, é um elemento central para a leitura do periódico. O humor ocupa aqui um lugar determinante, quer na

exposição do alvo ao ridículo, quer no desvendar de um pensamento social cuja coerência só poderá ser plenamente aferida numa leitura de conjunto da obra:

[...] era hum homem dos seus trinta annos, e sabia tanto como quando tinha tres: tinha laivos de nobre, tinha bens, e huma ignorancia tão grande, que para tolo não lhe faltava huma oitava; mas elle presava-se muito disso pela antiguidade, em que a asneira andava na sua casa, que havia o melhor de trezentos annos; e mesmo não estudavam pelo assim mandar o instituidor, e ele não querer perder o vinculo. E fazia muito bem, que o tempo não está para perder³ (Tomo II, 131-132).

Assinale-se, desde já, a sátira da ignorância, da nobreza e do sistema dos vínculos e morgadios, obstáculo cuja remoção era indispensável para a evolução de uma sociedade de ordens para uma sociedade de classes (Silva 1993, 339-353; Fonseca 1993, 459-477; Mendes 1993, 493-496).

Visados com particular ironia são o avarento (carapuça VIII) – “nunca na sua vida fez cousa boa, á excepção de morrer, que todos lho louvarão, e agradecerão” (Tomo I, p. 74) –, cuja parcimônia, até no uso da água, é exemplarmente descrita: “a agua, com que se lavava tinha seiscentas serventias primeiro, ao depois, lavava a boca, a cara, as mãos, o cachaço, os peitos, o lenço do tabaco, os pés, e botava-a por fim em hum carveiro [craveiro], e muitas vezes coava-a, e servia-lhe no outro dia” (I, 77-78); e o “homem amigos de todos” (carapuça XXXV), “que tinha cabelo no coração. Espreguiçava-se nos males do seu próximo” (Tomo II, p. 173). O Piolho descreve um pseudo-filantropo hipócrita, pondo em guarda o leitor com uma alegoria marcada pelo contraste: “[...] quantas vezes a boca está cheia de assucar, e o estomago amarga como fel [...] he preciso cuidado com estes negociantes de palavras de caramello, feito de assucar mascavado: ha tal, que ajoelha para melhor dar huma facada” (Tomo II, p. 185). Por fim, antecipando uma frase destinada a um futuro literário feliz (Carvalho 1991, 15), remata o retrato: “[...] era hum homem que nunca tinha sido amigo de pessoa alguma, chamava-se Germano, e era inimigo do genero humano” (Tomo II, 187).

Também o usurário, caracterizado como um falso sincero (carapuça XLVII), incita uma crítica ácida, mais agressiva do que a habitual sátira. Hipócrita – “[...] má palavra nunca a deo; na sua boca tudo era doce, ainda que do coração lhe viesse o azedo” (Tomo III, p. 122-123) –, é apontado como responsável direto pela miséria de muitos. Esta carapuça ocupa um lugar central na crítica social do periódico:

[...] como tudo comprava a dinheiro, os mais necessitados erão as suas victimas: huma occasião salvou hum sujeito de quebrar com trinta mil cruzados, por letras, que tinha a pagar, comprando-lhe a fazenda, que valia sessenta, por trinta [...] muitas vezes succedeo dar hum cruzado novo de esmola áquelle mesmo, que elle tinha chegado ao

³ Nas citações da fonte respeita-se a ortografia, a acentuação e a pontuação originais.

estado de a pedir, e quem via dar de esmola um cruzado novo, louvava-lhe a caridade e a liberalidade, mas não conhecia o resto (Tomo III, p. 123-124).

Enquanto o avarento, o pseudo-filantropo e o falso sincero são definidos por traços de carácter, a maioria das figuras socialmente antipáticas aparece nomeadas em função das respectivas atividades ou profissões. É o caso do tendeiro (carapuça V):

Tinha a habilidade de transformar sebo em manteiga [...] tinha a pachorra, só para fazer bem, de andar procurando óvos que estivessem chocos: comprava-os a trinta réis a duzia, e vendia cada hum por vintem, quando muito por vinte e cinco, hum ovo e hum pinto (Tomo I, p. 45-46).

A profissão de dono do botequim (carapuça X) tem vivas afinidades com a anterior, nomeadamente quanto à confusão com que burlava os consumidores.

O chocoláte era a melhor coisa, que ele tinha: botava-lhe graixa, de fórmula, que era gordo, e substancial. Tinha huma receita de fazer pão de ló sem ovos, que muita gente, que jejuava (desta pouco escrupulosa) tomava a sua chicara de chocoláte, e o seu pão de ló, e ficava jejuando. [...] O ponche á noite era o chafariz d'El-Rei com todas as suas bicas: não havia mãos a medir (Tomo I, p. 100-102).

O mesmo se passa com o contratador de vinhos (LXX):

[...] e então este amigo sabia dos adubos, para fazer do vinho máo bom que era hum pasmo, he certo que lhe botava algumas michurufadas que não erão muito boas para a saude, mas a isso respondia elle quando o mettião em escrupulos: e quem he que faz caso da saude? (Tomo IV, p. 206-207).

Ou com o dono da casa de pasto (carapuça LXIII):

[...] o dono da casa quando compra não lhe importa se o macarrão está podre, se o presunto tem bicho, se o azeite tem saibo [ácido], se a carne he de cavallo, o caso está em que tudo seja o mais barato; e o pobre que o come tudo paga como se tudo fosse do melhor (Tomo IV, p. 125).

O estalajadeiro (dono de estalagem) (carapuça XLVIII), por sua vez, é colocado pelo Piolho num nível agravado de criminalidade. Não tanto pela prática desonesta, que, aliás faz parte dos próprios hábitos alimentares:

[...] perguntou o que havia de cear, ao que a mulher lhe disse: que nada tinha capaz de lhe dar, por quanto ella já o tinha feito mais a familia; que os ovos que havia todos erão chocos; que a carne era de hum burrinho pequeno, que tinha morrido; que sim havia hum pouco de peixe frito, mas que bem sabia elle, que era frito em azeite de peixe, e que tinha medo de lho dar, não lhe fizesse mal ao estomago; que o melhor, que tinha, era hum gato de mólho de vilão, mas já havia cinco dias que estava feito: ao tempo que a mulher dizia estas ultimas palavras, sentio-se hum estalo, assim de modo de quem fechava huma porta, ao que o marido disse muito contente: aquillo foi rato, que cahio na ratoeira, vão ver se he, e se fôr, vai-mo assar em hum bocadinho de manteiga, com huma canada de vinho está a ceia feita (Tomo III, p. 133-135).

A apropriação indevida – “ganhos extraordinários” (Tomo III, p. 135) – não se fica pelos meios fraudulentos: “[...] a todos os que comêrão pedi o dobro do valor” (Tomo III, p. 136).

Encobre a forma de furto:

[...] a Marioleta (que era huma das filhas) tinha furtado huma espora de prata a hum passageiro, que ficára alli a noite passada, e poz a culpa a hum criado, que trazia consigo, no qual tinha dado meia duzia de bofetões, e que quanto mais o criado se esconjurava, mais o amo lhe dava de enraivecido. A Catharina em hum troco (isto era a outra filha) furtou dezoito vinténs (Tomo III, p. 135-136).

E mesmo de roubo: “[...] esperâmos ámanhã huma boa remessa, porque esteve aqui hum passeiro [na edição de 1854: passageiro, III, 96], que levava a bolça bem provida, nós avisámos o teu amigo Capitão, que lá foi atraz delle, mais os seus companheiros” (Tomo III, p. 136).

Presume-se o grau de violência desta associação entre o estalajadeiro e o chefe dos ladrões de estrada (carapuça XLIX). Contudo, o Piolho sublinha alguma cordialidade na aparência deste e chega a comparar o seu *modus operandi* nos assaltos com o dos cortesãos aristocratas.

[...] elle rarissimas vezes puxava pela espada, ou atirava tiro.... não senhores, quasi sempre roubava com o chapéo na mão, e com elle na mão se despedia daquelles, a que muitas vezes nem deixava o chapéo: eu vendo este modo, dizia comigo: valha-me Deus, este maroto rouba nas estradas como se rouba nas Cortes, que he com o chapéo na mão, com muitas cortezias, e varios rodeios mais, que não os digo por não ser importuno, ainda que são muito sabidos, e até quasi de ninguem ignorados, porque mais ou menos tem passado por todos: huns pela activa, outros pela passiva (Tomo III, p. 151-152).

Não está longe do procurador de causas (carapuça XI): o advogado corrupto “muito habil no seu officio, nunca perdeo causa; quem as perdia erão sempre os seus Constituintes” (Tomo I, p. 111). Chegava a dizer consigo mesmo: “Eu merecia estar nas galés pelo que tenho feito” (Tomo I, p. 113-114).

A corrupção dos profissionais da justiça foi também alvo do Piolho, ao passar pela cabeça do quadrilheiro (carapuça XIII):

[...] huma ronda feita por ele, ninguém hia á cadêa, só se não traziam dinheiro, que a verdade manda Deos que se diga: elle era tentado com este metal [...] e se algum seu companheiro fazia a sua obrigação, como devia, e lhe era mandado, tinha-lhe raiva, e dizia: *Nem tudo se leva á risca* (Tomo I, p. 133).

A Guarda Real de Polícia fora criada em 1801, no ano anterior ao início da publicação de *O Piolho Viajante*, e o agente da força pública não é poupado pela sátira do periódico: “O tal amigo era capaz de enforcar o pai, e botar o cordão á mãe. [...] Tinha muito amigo

côtrabandista que ele mesmo entregava, quando podia” (Tomo I, p. 129-130). Com efeito, “[...] já se sabe, que o maior papa o menor!” (Tomo I, p. 129).

A saúde, ou antes, a falta dela, num contexto de atraso da medicina científica, ignorância e superstição (Palma-Ferreira 1973, 273-275 e 1980, 161) justifica sucessivas carapuças dedicadas a protagonistas do ramo. A começar pelo boticário (carapuça VI), um falsificador que “[...] jámais dá o que se lhe pede, por isso mesmo sempre vendem gato por lebre, e nunca lhes falta nada na botica” (Tomo I, p. 50). A proverbial ignorância dos boticários, ridicularizada no anedotário português ao longo de boa parte de oitocentos, merece a seguinte “picadela”, baseada no desconhecimento da designação corrente para o sulfato de magnésio (sal inglês), de efeito purgante:

Huma vez, que hum Medico receitou sal Inglez para huma purga, exclamou elle: ó tempos! ó costumes! Não se faz caso senão dos generos Estrangeiros; pois não ha de ser assim: fez a purga de sal Portuguez, e o pobre doente esteve a beber agoa todo o dia: sobreveio-lhe huma febre á noite, e no outro dia foi para a Eternidade; mas á Portugueza (Tomo I, p. 56-57).

Também o cirurgião, prático da medicina popular, vê a sua ignorância exposta (carapuça XLII): “Hum officio, ou arte, que se aprende por principios, exercita-la por curiosidade, he cousa linda; e o mais he que muita gente morreo por ter a curiosidade de se curar com este curioso” (Tomo III, p. 43).

Já o médico ganancioso é alvo de uma longa carapuça (LXV). Comparado ao Dr. Sangrado, personagem do romance pícaro *Gil Blas* (Abreu 2008, 84), o charlatão revela-se hipócrita, ao alardear o seu desprezo pelo dinheiro – “[...] não he o dinheiro, que me eleva, apesar de que sem elle se não póde passar, e hum homem, que só pensa na saude dos outros, he preciso que os outros cuidem na sua subsistencia, pois que a sua cabeça só póde, e deve estar sobre os livros” (Tomo IV, p. 162-163) – quando, na verdade, é essa a sua principal preocupação: “Ter muito cuidado em fazer diário dos seus doentes, isto he, dos que pagão, e de quanto dão, para que se for outra vez chamado para alli, ver se deve ir lá ou não” (Tomo IV, p. 174-175).

Com cuidado para se defender em caso de insucesso do diagnóstico e/ou da terapêutica – “[...] dizia por entre os dentes: está mais adiantada do que pensão. Isto já para se salvar, no caso que o doente morresse, porque era esse o costume de quasi todos, a quem elle tinha a infelicidade de curar” (Tomo IV, p. 165) – não hesitava em apropriar-se dos bens dos doentes mortos do mal ou da cura. Afinal, “[...] ninguém póde estranhar, que procure cada hum, que lhe renda o officio” (Tomo IV, p. 166).

Os tratamentos adotados eram ineficazes e quase sempre prejudiciais ao doente.

Para tísicas tinha remédio especial, nada de fóra da terra, tomar fumo de carvão de pedra, andar muito, e que o ar de Inglaterra era o melhor para esta molestia. Para molestias venereas, cabelo do mesmo cão, que era com que elle se tinha achado bom. Tiricia amarella curava-a em hum minuto com a despeza de dous vintens de carmim, que mandava pôr na cara aos doentes, e a Deos amarelidão (Tomo IV, p. 167).

Mas ainda pior era a doutrina que fazia questão de transmitir. A um discípulo ensinava: “O Medico he como o carrasco [...] está absolvido, fez o seu officio” (Tomo IV, p. 172). Continuação desta lógica peculiar era a instrução sobre o que fazer em caso de ser chamado para tratar um rico pai de família: “Se o Pai for rico, e tiver filho, logo na cara se lhe vê se elle tem vontade que o Pai lhe morra; se a tem albarda-se o burro á vontade de seu dono, dar com elle na cova, e daqui se tira grande conveniência” (Tomo IV, p. 173).

Uma cautela, porém, era necessária: “Se for chamado a junta, estar sempre pelo voto do que tem mais fama; contradizer o mais novo se é pobre. Quanto menos gente houver no officio mais ha que fazer” (Tomo IV, p. 176-177).

A ganância do médico é, contudo, ultrapassada pela crueldade do enfermeiro (carapuça LIII), “[...] a quem Deos ajudara tanto, que tratando sempre de pobres ficou rico” (IV, 27). As suas maiores vítimas eram as pessoas com doenças mentais – não é, certamente, coincidência o fato de o doido (carapuça LII) ser dos raros casos em que o Piolho manifesta simpatia pelo seu alvo – enclausurados em “locais de pesadelo” (Palma-Ferreira 1980-184). As condições eram desumanas e o movimento pela reforma dos “asilos de alienados” tornou-se uma causa da Ilustração e do liberalismo (Foucault 1977, 531-557). A descrição aproxima-se do humor negro (Minois, 2000, 80; Carroll, 2014, 32-33):

[...] se entrava algum doudo recommendado, e que alguma cousa rendia, levava menos pancadas, veção a força que tem o dinheiro, que até para isto serve⁴ (Tomo IV, p. 29).

Outro grupo de tipos socialmente nocivos inclui figuras de estatuto intermediário, pequenas chefias com pequenos poderes, as quais, com recurso à deslealdade, ao desfalque, ao abuso de confiança ou à usura, arruinavam os patrões e tomavam-lhes o lugar. O Piolho desenha nestas carapuças autênticas alegorias da ascensão da burguesia à custa da aristocracia decadente. Veja-se o caso do locatário (carapuça LXXI),

[...] o geito que elle tinha tambem para usuras! era hum lince [...]. Arrendou huma vez huma quinta a hum morgadete, destes que gastão o dinheiro assim a modo de quem queima estopa pelo entrudo, que foi hum gosto ver o ajuste. Sabem o que me pareceo? assim a modo de hum que o encontrão os ladrões, e que o vão despindo pouco a pouco; ora lhe tirão a casaca, ora os calções, depois a camisa, e acabão com a pancada da paz, dando-lhe huma facada: da mesma fórma foi o miserável (Tomo IV, p. 215-216).

⁴ Na edição de 1837 a frase é ainda mais enfática, rematada por um ponto de exclamação.

A ironia é o recurso preferido para retratar o mordomo (carapuça LX): “[...] ventou-lhe tanto a fortuna, pelo bem, limpeza e amor com que servia seu amo, que em quatro annos se pôz no estado de ser hum villão ruim perfeito” (Tomo IV, p. 97). Com efeito, “[...] certamente o dono da casa se não fosse este habil homem, não ficava perdido tão depressa” (Tomo IV, p. 93). Até nos sinais de respeito por parte dos criados se notava a inversão da hierarquia, sublinhada pelo Piolho com uma nota jocosa:

Os criados fazião-lhe muito mais festa do que ao amo, olhem lá não passasse elle por parte, onde elles estivessem, que logo se não puzessem a prumo, e ao amo muitas vezes nem lhe tiravão o chapéo, e chamavão-lhe tolo (Tomo IV, p. 94-95).

Moral da história:

[...] nem a este mordomo se podia chamar ladrão; pois parece não ser furto, quando eu á vista do dono lhe levo o dinheiro, e elle me não diz nada. Vem hum criado para casa, que apenas traz pés, em que possa metter çapatos quando os tiver, no fim de dous meses já anda de niza, e empresta dinheiro ao amo, e o amo está por isto (Tomo IV, p. 100-101).

Longe de conseguirem, como os tipos acima referidos, a acumulação primitiva indispensável à sua mobilidade social, outras figuras assumem nos folhetos o papel de delinquentes menores, alternando entre a maldade, a “esperteza saloia” e a estupidez. Dominadas sempre pelo ridículo são, também, a figura do outro em oposição ao qual se situa o Piolho.

Estão neste grupo a lavadeira (carapuça IX), cujo officio exige “mais, do que muita gente lhe parece: precisa-se huma grande memoria; saber mentir, e saber furtar” (Tomo I, p. 89); a mulher que contratava criadas de servir (carapuça XLI), dúplice na maneira como se dirigia às patroas, ciosa do principal segredo da profissão: “bom he saber os podres alheio” (Tomo I, p. 33); o algibebe (vendedor de roupas de tecido barato) (carapuça LVII) que “[...] com meia vara de riscadilho fazia humas calças e hum jalleco, tão justo que a segunda vez que se vestia, arreventava por todas as ilhargas com riso, por ver o opio em que cahio quem o comprou” (Tomo IV, p. 64); ou o caixeiro (carapuça XXI) que, com sucessivos desfalques, levou o patrão à falência:

[...] erão três interessados na loja, o patrão, elle, e a gaveta: a ultima quebrou ás duas palhetas; e como era o sócio principal, pôdem vv. mm. suppôr, como ficarião os dois! mas sempre o mais culpado foi o socio gaveta pelo seu bom genio, que se ella se não deixasse persuadir, e abrir tantas vezes quantas o meu caixeiro queria, não lhe havia de succeder esta desgraça (Tomo I, p. 216-217).

Cabe ainda incluir aqui o alfaiate (carapuça LXIV) que defraudava assumidamente os clientes, de acordo com um critério determinado por razões econômico-sociais muito próprias, refletindo com assinalável oportunidade o humor de *O Piolho Viajante*:

[...] de boa consciência, fazia a tres freguezes iguaes e da mesma altura tres pares de calças, e a hum levava-lhe covado e meio de panno, a outro dous covados, e a outro hum covado e terça; e dizia elle, que lhas fazia conforme os seus teres: ao mais pobre levava-lhe menos fazenda, ao mais rico mettia-lhe mais a unha, e ao mais tolo carregava-lhe [cravava-lha, na edição de 1837, p. 116] de todo (Tomo IV, p. 137-138).

Fixado – ou cravado – de todo pelo Piolho é o estudante (carapuça XXVIII) com aspirações a taful (vadio), frívolo seguidor de modas (Lisboa 2015, 354), que, aos trinta e cinco anos, tinha passado trinta a estudar. Aos catorze já sabia ler e escrever... Chegando à Universidade, “foi reprovado em tudo: e vendo-se tão adiantado deixou-se de estudos, e ficou com a alcunha de estudante, que bastante lhe custou [...] no dia em que eu lhe passei para a caximonia, vendeo elle a Presodia, e os Quintilianos para comprar Bertoldo, humas comedias, e humas pinturas do jogo do páo” (Tomo II, p. 59-60)⁵. Com semelhante preparação, o estudante – de alcunha – evoluiu para taful, um dos alvos favoritos da sátira do Piolho:

[...] não jantava em casa, zombava do pai, ralhava com a mãe, dava nas irmãs: isto era outro melro: era rapaz de tom. Taful, [...] nunca tinha que fazer coisa que lhe fosse util, nem a si, nem aos seus semelhantes. Que rapaz! que moço! que perola! Então o pai, e a mãe concorrião muito para isto, [...] dizia o pai parece impossivel, que este rapaz saiba tanto sem estudar nada [...] (Tomo II, p. 63-64).

As carapuças do ciumento (XXXI) e do preguiçoso (XXXII), além de escarnecerem aquele sentimento – “O Ciume não serve aos homens senão de se atormentarem huns aos outros. Arte de envenenar os prazeres [...], remedio, que nunca curou ninguem, e que tem morto muita gente” (Tomo II, p. 103) – e de manifestarem uma curiosa simpatia pelo que é geralmente considerado um vício⁶ – “Este era o modo de pensar do meu preguiçoso [...] e eu gostava daquelle modo de pensar” (Tomo II, p. 126-127) –, contribuem para veicular uma crítica ao modo como os homens tratavam as mulheres.

Na sátira ao ciumento, o Piolho ridiculariza o marido que tentava impedir a mulher de olhar para outros homens: “Ora que se lhe ha de metter a este homem na cabeça? Querer que a rapariga fosse céga para a metade do genero humano, que não visse homens” (Tomo II, p. 107-

⁵ Referências à *Prosódia*, ao escritor latino Quintiliano, autor do tratado *De Institutione Oratoria*, compêndio usado na época, e a *Bertoldo*, *Bertoldinho* e *Cacasseno*, tema popular de origem medieval fixado pelo italiano Giulio Cesare Croce (1550-1609), cujas sucessivas versões traduzidas faziam parte da literatura de cordel mais procurada no final do século XVIII e início do século XIX (Palma-Ferreira 1973, 254). Em 1984, Mario Monicelli realizou um filme homónimo, com Ugo Tognazzi no papel de Bertoldo.

⁶ Com a assinalável excepção de Paul Lafargue, em obra publicada cerca de 80 anos após *O Piolho Viajante* (Lafargue, 2002 [1883], 7-9).

108). Mais significativa ainda é a defesa da instrução como meio de emancipação: “[...] queria que ella não soubesse ler nem escrever depois de ter aprendido: ora isto não he frenesi, que merecia azorrague?” (Tomo II, p. 108-109).

A contrapartida é a compreensão pelo consequente afastamento – no limite por um eventual adultério. “[...] a rapariga andava já tão arrenegada, que em vendo outro homem, que não fosse elle, era huma alma nova, que lhe entrava no corpo, e estava já prompta a larga-lo, e saffar-se, inda que [na edição de 1821: “ainda que”] fosse com quem fosse” (Tomo II, p. 108-109).

O consequência é notável: “Por mais que se ame, he preciso liberdade” (Tomo II, p. 110). Cabe, ainda, sublinhar o reconhecimento da sensibilidade do outro, neste caso a mulher: “Meio termo, meio termo, meus Senhores, e antes de menos, que demais, que onde ha menos póde ir a mais, onde ha mais póde ir tocar na impertinencia, e as impertinencias nem no amor se aturão” (Tomo II, p. 110-111).

É justamente a falta de meio-termo que corrompe a relação com o preguiçoso:

Esta pobre moça tinha de passar huma vida bem desgraçada: acabava de viver com hum homem, que não lhe deixava a mais pequena acção livre; veio para este, que todas lhe deixava, e não lhe importava nada do que ella fazia [...] que ella estivesse á janella, que sahisse fóra, que conversasse com o visinho, que não lhe apparecesse todo o dia, para elle era o mesmo [...]. A mulher enraivecia-se com isto (Tomo II, p. 114-115).

Quando a mulher lhe pediu explicações, o preguiçoso expôs uma concepção de casamento avançada para o contexto da época:

Olha, mulher, eu tenho preguiça de responder a tanta cousa; mas por te dar gosto, por esta vez, sem exemplo, te responderei a tudo [...] o homem quando casa, não he para aborrecer o resto das mulheres, nem a mulher para aborrecer o resto dos homens, he para ter aquele homem por seu, para lhe guardar fé, para o ajudar nos seus trabalhos, e ter parte nos seus prazeres; mas isto não tem nada para viver com o resto do mundo em boa harmonia: não, mulher, eu confio mais em ti, que tu mesmo (Tomo II, p. 118-120).

Podia ter ficado por ali, mas, naquele dia, a preguiça não o impediu de procurar mais uma justificativa:

[...] descança, que eu não caso com outra em quanto tu fores viva, olha, de mais a mais, tu tambem já não estás muito para cobiçar, vas-te fazendo feia. Oh, diabo, que tal disseste! Foi o demo em casa do alfacinha, gritou, arrepelou-se, bateo com a cabeça pela parede, jurou que havia de fazer e de acontecer (Tomo II, p. 120).

Vivendo nas margens da sociedade, o pedinte (carapuça XVIII) é, para o Piolho, um profissional bem-sucedido – “Tomaram muitos ricos passar, como passava este Pobre! elle era

Negociante de pobres: andavão pobres a pedir esmola por sua conta” (Tomo I, p. 182) –, a ponto de ter codificado o seu ofício num manual para formar discípulos.

Compôz hum pequeno Tratado, intitulado: *Methodo de pedir esmola a tôrto, e a direito*. Cujo descrevo aqui por me parecer util, se algum dos meus Leitores cahir em pobreza, ou a mandreice lhe der vocação para isso; porque he bem certo, que a não se ser cêgo, côxo, ou muito velho, ella he quem conduz á relaxação da pedintaria (Tomo I, p. 183-184).

Nesta leitura do outro, é-se pobre, preferencialmente, por opção, em resposta à vocação do preguiçoso. O manual condena ao ostracismo os que são pobres por doença ou velhice – a ironia da marginalização pelos marginais: “[...] lá pobre, que precise, e que peça por verdadeira necessidade, nada de amizade com elle, isso são huns pobres, e quasi sempre são tolos, botão a perder o officio, nada, nada” (Tomo I, p. 196-197).

A recolha de papel, uma das mais antigas práticas de reciclagem – “andar ao papel” – é aqui apresentada como uma “descoberta”, “muito nova”, capaz de gerar lucros significativos (Tomo I, p. 198-199). O cálculo dos ganhos milionários com as esmolas está inflacionado devido à estimativa muito exagerada (França 2008, 480) de um milhão de habitantes para Lisboa na época (Tomo I, p. 200).

O humor é particularmente eficaz no capítulo dedicado ao dono da casa de jogos (carapuça LXII) e aos “alquimistas do dinheiro alheio”. O Piolho começa por usar a ironia para caracterizar o vício do jogo e a hipocrisia da sua proibição – “[...] cousa de jogo prohibido não o consentia, só se era muito ás escondidas para fazer a vontade aos parceiros [...] e dizia-lhes elle, sabem vv. mm. porque eu lhes tiro tanto? para ver se lhes tiro o vicio” (IV, 113-114) –, acabando por fazer da crítica aos costumes o ponto de partida para a crítica social: “[...] alguns até o furtão para o ir alli dar; mas o dono da casa não lhe pertence lá indagar se he furtado ou não o que jogão [...] e até era arriscar-se a darem-lhe muita bofetada: elle que o joga he porque o tem [...] tinha que ver se nós andavamos a perguntar huns aos outros: donde lhe vem a v. m. o dinheiro? [...] habilidade he eu gastar tres mil cruzados tendo só hum, aqui he que está o buzilis, mas isto não he para todos, he cá reservado para os alquimistas do dinheiro alheio” (IV, 119-120).

O riso torna-se irresistível numa cena que descreve uma briga entre dois jogadores de gamão e culmina numa situação cujo efeito cômico resistiu à passagem dos séculos, com eficácia comprovada nas comédias burlescas do cinema mudo e nos filmes sonoros da parelha o Gordo e o Magro (Bucha e Estica em Portugal), interpretada por Oliver Hardy e Stan Laurel:

[...] erão ambos de cabelleira, hum delles que era o mais baixo tinha huma cabeça do tamanho de huma melancia de Abrantes, destas que custão hum cruzado novo, e o outro

mais alto tinha huma cabeça do tamanho de huma melancia de dez réis [...] o que tinha jogado errado, quiz emendar o lance, este não consentio; descompozerão-se, passarão ás mãos, esbofetearão-se, em cujas bulhas forão as cabelleiras de ambos á casa [ao chão]: forão accommodados pelos circumstantes, e tanto trabalhárão que os reconciliarão ao ponto de tornarem a jogar: feitas as pazes foi cada hum buscar a sua cabelleira, mas infelizmente pegárão nellas trocadas; porque a raiva do jogo ainda não estava bem dissipada: pozerão as cabelleiras na cabeça, e ficarão galantes; o que tinha a cabeça grande ficou-lhe a cabelleira pequena no alto da cabeça, e o que tinha a cabeça pequena ficou-lhe a cabelleira tapando as orelhas e parte da face, e assim se pozerão a jogar, sem nenhum dar nem pela falta nem pelo sobejo: todo o mundo estava parado para os dous velhos; mas elles tão encarniçados estavam, que se despedirão à noite, e forão com as cabelleiras trocadas para casa e não deram por tal (Tomo IV, p. 114-117. Sobre as duplas cômicas de duas personagens com características opostas ver Pereira 2016, 45-46).

Algumas das cabeças visitadas ao longo das viagens são vítimas das circunstâncias. O Piolho revela por elas compreensão e até alguma simpatia. Está neste caso o criminoso (carapuça XII), “homem depravado” que, no entanto, merecia compaixão. Debaixo de todos os defeitos, “tinha hum coração bem formado. A sua educação, e os seus parentes erão os factores desta obra, e elles não tinham perdido hum instãte de o fazerem desgraçado” (Tomo I, p. 121). Abandonado pelos familiares que o acusaram, falsamente, de ser ladrão,

[...] entrou a rapinar algumas bagatelas: o animo era pouco, a fome muita; [...] achou nos ladrões mais amor que nos parentes: começou a embebedar-se, tomou tabaco de fumo, passou a outros vicios, e em pouco tempo se fez o homem que disse [na edição de 1846: dizião], e foi á cadêa (Tomo I, p. 122-123).

O doido (carapuça LII) – “que tomárão muitos com juizo pensarem, como elle muitas vezes discorria” (Tomo III, p. 217) – foi levado à loucura por um desgosto de amor. Este capítulo, dividido pelos tomos III e IV da obra, desenvolve uma reflexão sobre a doença mental, apresentada como um problema médico-científico, mas também legal/normativo, social e filosófico. O outro é aqui a mulher sobre quem se projeta uma relação de amor-ódio:

[...] dizia, que era mais formosa do que Venus; mais casta que Diana; e que tinha mais juizo que Minerva: depois de ter dito isto parava, e desdobrava tudo quanto tinha dito, e de novo tornava a dizer: Mas de quem fallo eu? [...] ella enganou-me! enfeitou-me a cabeça com fitas de osso! aquella cachorra por quem eu morria de amores (Tomo III, p. 226-227).

Mas o outro é também o doente mental, lúcido bastante para questionar o seu confinamento à margem da sociedade. A comparação entre o antes e o depois da declaração da loucura, estimula o pensar e abre espaço à contestação, parte integrante do tópico do doido com juízo:

[...] doudo era eu quando todos dizião, que eu tinha juízo [fazia noitadas, andava em más companhias, pilhava dinheiro...] hoje que não faço metade das asneiras, que então

fazia, hoje he que sou o doudo: algum dia andava sempre em hum pontinho, e todos me chamavão asseado, homem de Corte, que conhecia o trato das gentes, mas era-me preciso muito dinheiro para estes preparos: hoje que não estrago nada, que me dura o fato immenso tempo, chamão-me doudo, mas eu nego tal (Tomo IV, p. 3-6).

Essa declaração oficializando o ostracismo acaba por assentar apenas num argumento de autoridade: “[...] sou doudo, porque estes senhores o mandão” (Tomo IV, p. 6).

Vence, mas não convence, perante a realidade exterior à prisão/manicômio – “[...] e vejo eu tantos por ahi, que ainda estão muito peiores do que eu, e não os prendem, só porque não ha hum que levante a lebre, e diga: Fulano está doudo!” (Tomo IV, p. 6). A resposta encontrada abre caminho a todas as perguntas: “[...] ter paciencia he o unico refugio do meu mal” (Tomo IV, p. 6. Ver Foucault 1977, 24-27 e 373-400).

Escravo do vício, o jogador compulsivo (carapuça XXIV), é vítima por excelência da sua circunstância. A “quinta essência das más cabeças” (Tomo II, p. 9), sujeita-se aos piores vexames para conseguir dinheiro para o jogo,

[...] vicio, que abrange em si os outros vicios; e eu o provo: o ser ladrão he máo, mas he ser ladrão só: ser matador ainda he peor, mas bem póde ser hum homem matador, e não ser capaz de ser ladrão: ser mentiroso, ninguem se fia nelle, e a perda he só sua: ser bebado he um vicio alegre, e nesta occasião se podem fazer mil cousas boas: hum bebado entusiasma-se às vezes em hum Heróe, humas vezes é liberal, outras vezes valente, algumas Poeta, e quasi sempre engraçado etc., mas um jogador he hum animal que começa logo por fazer mal a si, gasta o que tem, pede o que não póde pagar, furta quando se lhe acabão estes dous meios, e está prompto para toda a qualidade de má acção só para ter dinheiro, e encher o vicio, o vicio que reúne em si todos os outros (Tomo II, p. 25-26).

Merece destaque, neste capítulo, um momento de humor de considerável modernidade, capaz de ombrear com qualquer cena cômica de absurdo contemporânea: o jogador tinha um “cão, que lhe chamavão *Noroega* (por ter vindo da America)” (Tomo II, p. 11-12).

Já o bêbado (carapuça LV) revela estarmos perante um vício que beneficiava, ao tempo, de uma sintomática tolerância social. Na carapuça do jogador, o alcoolismo é apresentado, em contraponto ao jogo, como “um vício alegre” e o bêbado é “quase sempre engraçado”. No capítulo que lhe é dedicado, apesar de reconhecer a gravidade do resultado – “Assim vivia este pobre homem e esta triste mulher com cinco innocentes desgraçados, sendo disto a causa o summo da cepa” (Tomo IV, p. 55) – limita-se «clamar» pela moderação do consumo:

[...] huma cousa tão bella como se torna pernicioso pela demazia; em conta conforta, com excesso estraga: em conta anima, com excesso enfraquece: em conta faz a alegria de huma companhia, com excesso, a tristeza de huma familia inteira: nada de excessos, meus companheiros, eu vos lhes clamo (Tomo IV, p. 55).

Vítima da sua condição é, igualmente, o ator cômico (carapuça XV) que “não tinha graça nenhuma” (Tomo I, p. 145). Por ironia do destino, “o unico papel, que lhe vi desempenhar bem, era hum em que elle não fallava nada, e até levou palmas, mas indo-as agradecer com huma cortezia, fê-la com tanta graça, que logo lhe deram pateada” (Tomo I, p. 146). Distinguiu-se ainda em outra peça, “[...] em que era preciso transformar hum homem em burro, fe-lo muito bem, e só com o simples trabalho de pôr as mãos no chão, e tudo gritou: Bravo, bravo, e foi a primeira vez que ouviu louvor” (Tomo I, p. 151-152).

Neste capítulo surge, ainda, uma referência à homossexualidade: “A mulher tinha-lhe fugido, elle desconsolado, sahio por alli fóra, encontrou hum amigo, que era escudeiro, a quem contou a sua desgraça: consolou-o, deo-lhe de cear essa noite, dormirão ambos [a edição de 1846 acrescenta: “juntos”]” (Tomo I, p. 152-153). Não sendo inédita, a alusão ao tema é rara no periódico: aparece mais uma vez na carapuça XXI, a propósito da relação entre o marinheiro e o caixeiro condenado ao degredo (exílio) por desfalque.

[...] tanta amizade tomárão que dormião ambos [na edição de 1846: ambos juntos]. No outro dia pela manhã [...] o meu marujo teve licença para acompanhar o seu amigo preso. Chegámos á terra, entrárão a despedir-se, e sou obrigado a dizer: o caixeiro tinha o coração mais duro, que o marujo; nem uma lagrima botou, e o marujo cahião-lhe pelas barbas abaixo. Salta-me nelle aos abraços, que não havia quem os apartasse (Tomo I, p. 225-227).

A última vítima das circunstâncias em *O Piolho Viajante* é o menino do último capítulo (carapuça LXXII). Mimado pelo zelo protetor da família, que lhe permitia todos os excessos:

[...] tinha sete annos e meio, dormia na cama com a mãe, e por gosto se podia dormir com o rapaz de verão, porque no discurso da noite mijava as suas tres ou quatro vezes; e por mais que o pai ralhasse com elle não se emendava, e a mãe e a avó não lhe querião dar, porque elle estava muito magrinho, e tinhão medo, que se o amofinassem morresse tísico (Tomo IV, p. 227-228).

Acabou por sofrer de uma biliosa fatal: “Ver agora o cuidado com que o pai, a mãe, e a avó mataram o pequeno á força de remedios e de cuidados! [...] quando chegava a ocasião de lhe darem o remedio era huma confusão tal que se não entendiam [...] e, por fim de contas, nunca o remedio hia no seu lugar” (Tomo IV, p. 237).

Na extensa galeria de carapuças do *Piolho* devem salientar-se ainda os alvos escolhidos em função de estereótipos. A origem étnica, nacional ou regional, a deficiência física ou a idade alimentam preconceitos que delimitam o outro. É o caso do negro (carapuça XIX), um dos raros a quem é dado nome próprio – “Pedro, se chamava o Preto [...] casado com huma branca, porque havia então muita falta de pretas” (Tomo I, p. 203) –, objeto de trocadilhos jocosos a

propósito da cor da pele: “Elle caiava; mas era hum Preto tão cordato, que andava fazendo diligencias para entrar para o Caes do carvão, e ser carvoeiro” (Tomo I, p. 203).

Já a cigana (carapuça XXX) é retratada à luz do duplo preconceito étnico e de idade:

Eu cuidava, que huma cigana era uma mulher bem feita, bonita, [...] mas não, senhores, a tal cigana era huma mulher setentona, [...] muito bem talhada para esqueleto, bastante negra; alguma coisa enxovalhada, [...] creio, que não preciso dizer, que era feia [...] ladra (Tomo II, p. 83-84).

A reprodução do estereótipo está garantida. “Todos os dias á tardinha vinhão as ciganitas pequenas para tomarem a lição; que constava de enganar o mundo [...] e huma das coisas, que a velha mais recommendava, era, que furtassem” (Tomo II, p. 88).

Cabe também aqui o velho (carapuça XXIX), “que tem os seus setenta no bucho, mas com todos os vicios de hum rapaz de vinte” (Tomo II, p. 71). A diminuição das capacidades devido à idade é aproveitada para o ridicularizar: “[...] já não ouvia bem: mas não queria dar o seu braço a torcer, era então hum gosto ouvi-lo conversar: perguntava-lhe huma senhora; que annos tem? respondia elle; se lhe quero bem? ainda o duvida ingrata!” (Tomo II, p. 75).

Do mesmo modo, a velha (carapuça XXXVIII), que se vestia “no ultimo gosto da móda, quero dizer, andava quase nua” (Tomo II, p. 215). Nota-se neste capítulo o reconhecimento de um duplo estereótipo, sendo um deles apresentado como positivo. Ao persistir em afirmar a sua identidade, recusando o papel que lhe é atribuído como «natural», a mulher é rotulada negativamente:

Que extremos tão oppostos são estes das velhas: as de boa conducta (de que ha muitas), as de probidade, quanto servem para a instrucção da mocidade [...], ás avessas aquellas de huma qualidade como esta, em cuja cabeça eu estou: esta com a sua vaidade, fazia-as vaidosas, com os seus costumes relaxava-lhes o coração (Tomo II, p. 217-218).

Pior: corrompia a mocidade, no caso, a sobrinha, a quem ensinava: “Nunca entregues o coração a hum homem, nunca lhe falles verdade, nunca lhe digas os teus sentimentos, e saca-lhe a camiza se poderes [...] em sendo pobre, foge delle, como de peste” (Tomo II, p. 221).

O outro é ainda o que vem de fora. Seja de perto, como o saloio, o rural dos campos nos arredores de Lisboa (carapuça XIV), “simples como hum; malicioso como trinta” (Tomo I, p. 138), ou o emigrante do país vizinho, o galego (carapuça XXV), estereotipado como avarento, desconfiado, teimoso, crédulo e invejoso. Queria ir à terra bater na mulher porque lhe disseram que esta tinha emprestado a burra a um primo; tinha comprado um pandeiro, “mas não tocava diante dos amigos, tangia sosinho, e dizia a isso; se se querem divertir, que gastem, que tambem eu fiz o mesmo” (Tomo II, p. 32); e ambicionava comprar um relógio “só para fazer figas aos da sua freguesia” (Tomo II, p. 33).

Alvo de sátira especialmente direcionada é o estrangeiro que vem para Portugal ganhar dinheiro à custa dos naturais. Fazem parte deste grupo de expatriados o dentista charlatão (carapuça XLIII); o exibidor de câmara ótica (carapuça XLIV) que, tendo começado em espetáculos de feira conhecidos como *tutto il mondo* – “[...] tal he o negócio! ganhar com cem cinco, faz qualquer tolo, agora ganhar com cinco cem, isto he reservado para outra qualidade de cachimónias” (Tomo III, p. 83) –, chegou a armador de navios; e, ainda que com menos êxito, o mestre de esgrima (carapuça XLV). É neste capítulo que se encontra um exemplo da crítica social do Piolho, com o pretexto de mostrar a maneira como os do exterior viam os portugueses:

V. m. está em huma bella terra, porque aqui ha muita perguiça, e por consequencia muito pouca industria, não se olha mesmo para o necessario, por isso morre muita gente de fome, que podia morrer de fartura, se usassem dos braços que Deos lhes poz no corpo, que bem se deixa vêr que forão para trabalhar, e em vez de com elles abrirem a terra para lhe dar o sustento, pizão-na com os pés, e deitão-se em cima della até que ella cançada de os soffrer, os cobre (Tomo III, p. 90-91).

O preconceito social recobre ainda as figuras da criada (carapuça XL), gulosa, ladra e ingrata; do poeta (carapuça VII) – “Nunca já mais comeo a horas competentes; comia quando tinha, e era muito parco, comia poucas vezes” (Tomo I, p. 64-65. Ver Santos 1983, 7-16); e do filósofo (carapuça XVII), que

[...] não fazia caso de nada, e nada tinha: passava sem tudo que não tinha, e não tinha nada [...] Mas reparava eu no meu Filosofo, que se o convidavão para jantar, sempre comia do melhor, que vinha á mesa [...] Que diabo de Filosofia he esta?, dizia eu comigo, elle não faz nada do que préga (Tomo I, p. 163-166).

O outro é, por fim, aquele que está marcado pela doença ou pela deficiência: o tinoso (carapuça I), o gotoso (carapuça XXIII) ou o corcunda (carapuça LXI). De sublinhar, no tocante ao mordomo referido acima (carapuça LX), a deficiência física aparece como uma marca visível dos defeitos morais e sociais que carrega: “[...] tinha quatro dedos em huma mão, e dous delles pegados hum no outro, que vinhão a ser na configuração só tres dedos, deffeito este, que lhe embarçava muito abrir a bolsa; mas mesmo assim se servia, porque ninguem lha abria” (Tomo IV, p. 89).

Exceção ao tom satírico do conjunto da obra é o elogio da menina virtuosa (carapuça XXXIX), uma crítica de costumes conformista fazendo a apologia da ordem familiar patriarcal, apresentada como um louvor à firmeza das mulheres que, ao contrário de outras – e dos homens – não cedem às tentações: “[...] como os homens estão depravados! Nós infelizes mulheres devemos ter por guia a religião, e vós, monstros, o prazer, e o interesse! Não ingrato tu não me

amas, se tu me amasses tu não quizeras, que eu fizesse huma acção contra o meu decoro” (Tomo III, p. 6-7).

3. “Pobre com rico não faz boa liga”. Crítica social

Enquanto os outros folhetos jocosos, seus contemporâneos, nomeadamente os de José Daniel Rodrigues da Costa (autor, entre outros, do *Almocreve de Petas*), raramente ultrapassam a crítica de costumes, as carapuças de *O Piolho Viajante* veiculam com frequência, além daquela, uma verdadeira crítica social, “um largo fresco satírico de carácter social” inspirado na literatura picaresca (Carvalho 1974, 69).

Com recurso à perspectiva do narrador que conta uma realidade outra, à semelhança das *Cartas Persas* de Montesquieu, do *Zadig* de Voltaire ou das *Viagens de Gulliver* de Swift, a distância é assumida logo na apresentação da obra, “vertida da língua piolha”, e do narrador, um piolho vindo da Ásia – embora a polémica com José Daniel, que o acusava de ser uma mera tradução, acabe por obrigá-lo, no último prólogo, a declarar-se “filho de Lisboa e educado na Pátria” – que assume um ponto de vista “exótico”: “Furta hum vinte mil cruzados, e o outro outros vinte, hum escapa, outro he apanhado, o apanhado he ladrão, o que fugio vivissimo e experto como hum azougue: e então que tal vai o mundo cá pela Asia?” (Tomo III, p. 111).

Os tipos retratados nos diferentes capítulos servem de pretexto ao narrador para evidenciar um pensamento social que apresenta em tom negativo não só a sociedade hierarquizada em ordens e o parasitismo de uma certa nobreza, mas também a burguesia ascendente e as contradições entre classes, em vias de agudização no início do século XIX.

A propósito do falso sincero, que amontoava ouro “sem lhe importar a macilenta fome, pintada no rosto do seu semelhante” (Tomo III, p. 125), aponta “a regra quasi geral: aonde mora hum muito rico serem pobres todos, que o cercão; porque como he arvore maior, chuxa [na edição de 1854: chupa] todos os succos da terra. O rico, bem comparado, he como o Tubarão” (Tomo III, p. 127-128). Sem hesitar, sentencia: “cá para mim este homem he o peor do mundo” (Tomo III, p. 125). Em contrapartida, “[...] huma vez que se vive, he preciso que se sustente, com tanto que para eu me sustentar melhor não seja preciso, que morrão seis á fome” (Tomo II, p. 23). Em 1846, o mesmo ano de uma reedição de *O Piolho Viajante*, perguntava Garrett “aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à

ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico” (Garrett 1976 [1846], 19).

A propósito das mortes que o cirurgião não consegue evitar, pergunta – e responde: “[...] o mais a que eu acho graça, he perguntar muita gente de que morreu fulano? Se elle he pobre, ha mais que perguntar: morreo de fome” (Tomo III, p. 53). A propósito, menciona um piolho seu conhecido, mas rico, para desabafar: “pobre com rico não faz muito boa liga” (*Ibidem*).

Até o preguiçoso – para se esquivar ao trabalho – desenvolve uma argumentação socialmente avançada:

[...] ajuntar dinheiro, para mais do que he preciso: Isso he tirallo aos que precisarem [...] o trabalhar muito não serve de nada para o que trabalha, sempre he para hum, que não trabalha nada. [...] o que faz a desordem de huns terem muito trabalho e outros nenhum, he não serem obrigados todos a trabalhar para comer (Tomo II, p. 123-125).

Igualmente radical é o caseiro, mas, ao contrário do anterior, afirmando o valor do trabalho: “[...] todos neste mundo, quando nascêrão, lhes coube a sua porção de terra, e que ella não pertencia a quem tinha dado ouro por ella; mas sim áquelle, que com o seu suor a regava” (Tomo IV, p. 198-199).

Nesta crítica alargada, a própria origem da mentira tem raízes sociais: “O mentir não he muito antigo, he do tempo que nasceo a Politica e tomou a sua maior força do tempo, que os homens quizerão passar com mais do que tinhão [...] A semente do Luxo he quem produzio os mentirosos” (Tomo II, p. 166). Resultado: “Chega a idade de sete annos e a pobre criança não ouve senão mentir: os criados dão Senhoria aos Pais, e he mentira: dá-se dom a huma amiga, e he mentira: procura hum crédor o Pai, diz-se-lhe, que não está em casa, e he mentira” (Tomo II, p. 155).

Mas *O Piolho* não fica apenas na crítica aos grupos dominantes: satiriza, igualmente, as classes médias e baixas, desenhando de forma exemplarmente cruel o retrato do pedinte.

Marginal por excelência, o chefe dos ladrões tem um lado de bandido social.

[...] o que tinha de máo sendo ladrão, trocado em soldado, seria maravilhoso; vejão como huma pequena mudança faz mudar as cousas, sem tirar a essencia ás mesmas, porque este não precisava mudar de costumes, bastava só que seguisse os que tinha, contra os inimigos da pátria, mas elle pensava de outra fôrma, e dizia, que todos os que tinhão dinheiro erão seus inimigos (Tomo III, p. 149-150).

A carapuça que lhe cabe serve também para apresentar uma curiosa genealogia do dinheiro – “Isto de ter muito dinheiro, indagada bem a geração do mesmo, quasi sempre vem por bastardia” (Tomo III, p. 155) – e do roubo.

4. “A obra não é tão ridícula como a muitos parece”. Recepção e circulação

As sucessivas reedições de *O Piolho Viajante* são testemunho da recepção do periódico. Os folhetos, cuja publicação se iniciou em 1802, foram reunidos em livro logo a partir de 1803: são desse ano as edições do tomo II, com a indicação “segunda edição emendada”, impresso por António Rodrigues Galhardo (que publicita a qualidade de “impressor do Eminentíssimo Cardeal Patriarca”), e o tomo III, impresso por João Procópio Correia da Silva. No ano seguinte, foi editado o tomo IV, impresso também por António Rodrigues Galhardo (já na qualidade de “impressor do Conselho de Guerra”). De 1805 há uma edição do tomo I, impressa na Nova Oficina de João Rodrigues Neves. A obra foi reeditada em 1821, na Nova Impressão da Viúva Neves e Filhos; em 1826 (Silva 1860, 119; Tengarrinha 2013, 140); em 1837, na Imprensa Nevesiana; em 1846, também na Imprensa Nevesiana; e em 1854, na Tipografia de João Baptista Morando. Essas reedições trazem a indicação “nova edição emendada”.

As reedições de *O Piolho Viajante* ao longo da primeira metade do século XIX e até ao início da segunda metade de oitocentos, permitem estimar a sua eficácia. Um número significativo da escassa percentagem de portugueses alfabetizados ter-se-á disposto a pagar o preço de cada fascículo: “ha folheto, que tem seis Carapuças, fóra o Prologo, e ei-las ahi a menos de trinta réis” (Tomo III, p. ii). Os habituais lugares de leitura dos periódicos – botequins, cafés, casas de pasto, praças, além, naturalmente, das casas particulares –, indiciam a presença do *Piolho* no espaço público e a sua influência na formação de uma embrionária opinião pública (Alves 2005, 128).

Mas a circulação não se limitou a Portugal continental: transpôs as fronteiras do reino e espalhou-se pelo império, atravessando o Atlântico em direção ao Brasil onde, entre 1808 e 1822 – desde a chegada da família real até à independência –, foi um dos dez livros mais lidos, com base nos pedidos de autorização de remessa de Lisboa para o Rio de Janeiro. Enquanto original português e novidade editorial, *O Piolho Viajante* foi uma exceção, ao lado de reedições de obras dos séculos XVII e XVIII, sobretudo francesas ou traduções do francês⁷.

Sinal da recepção transatlântica do periódico foi a escolha do pseudônimo “Piolho Viajante” pelo imperador D. Pedro I (futuro rei D. Pedro IV de Portugal). Com ele assinou

⁷ Da lista fazem parte: “*Aventuras de Telémaco*, de Fénelon; *As mil e uma noites*, de Galland; *Historia de Gil Braz de Santilhana*, de Lesage; *Thesouro de meninas ou diálogo entre uma sábia aia e suas discipulas*, de Beaumont; *História do Imperador Carlos Magno*, anónimo; *O Feliz independente do mundo e da fortuna*, de Pe. [Teodoro de] Almeida; *Lances da Ventura, acasos da desgraça e heroísmos da virtude*, de Monroy y Ros; *Thesouro de meninas*, de Blanchard; e *O Piolho Viajante*, de Policarpo da Silva” (Abreu 2008, 84 e 2013, 16).

artigos e cartas nos jornais do Rio de Janeiro em 1823, logo a seguir à independência (Bignotto s.d.).

A recepção da obra confirmou a reflexão do censor João Guilherme Cristiano Müller, que se “envergonharia de hesitar hum unico momento” em dar o seu voto a favor da publicação de *O Piolho Viajante*, após comparar as suas “caricaturas plebeias e feias, mas com hum feliz acerto de Verdade” aos quadros de Hogarth (Bastos, 1926, 289). Se, ao tirar as carapuças, destapa o ridículo da sociedade portuguesa da época, o autor reclama mérito para o seu trabalho – “a obra não he tão ridícula como a muitos parece [...] póde ser, que este meu Piolho não parecendo nada, ainda venha a ser hum Piolho nomeado, ao menos eu espero, que lhe não ponhão a unha [...] Deos me livre de tal desgraça” (Tomo IV, xx-xxii). Afinal, o que interessa não é o juízo da crítica: é fazer rir a gente (Lisboa 2015, 350).

5. “Unindo a moral com o riso”. O humor de *O Piolho Viajante* na formação da opinião pública

O Piolho Viajante é uma fonte fundamental para o estudo do humor periodístico. Apesar de não ter saltitado entre novas carapuças desde 1804, as constantes reedições até 1854 são prova disso mesmo. E, juntamente com as notícias das remessas para o Brasil, são, pela abrangência da sua circulação, ainda mais significativa, dado o quão limitado era o âmbito do público leitor, à época.

A recepção, testemunhada de forma prudente pelo autor – “a obra não tem hido mal, e eu estou muito obrigado ao Público, porque a vai comprando” (Tomo III, xx) – e saudosa, décadas mais tarde, por Inocêncio – “Depois de servir por muito tempo de agradável entretenimento e diversão aos serões de nossos paes, acha-se de todo esquecida, ou pouco menos” (Silva 1860, 119) – permite aferir, ao menos por estimativa, a eficácia do humor do periódico.

A procura do público consumidor das sucessivas reedições denota a existência de um espaço público adequado à leitura do periódico (e dos outros) – mas também, o que não é menos importante, alargado por essa leitura e pela apropriação da obra. Dessa apropriação e desse espaço público formou-se, ainda que de forma embrionária, a opinião pública que desempenharia papel de relevo no triênio liberal.

Para a gênese dessa opinião pública cabe reconhecer o lugar do humor de *O Piolho Viajante*, particularmente na crítica social que constitui a marca diferenciadora da obra no

panorama do periodismo contemporâneo, sobretudo em contraste com a crítica de costumes, globalmente conformista, de José Daniel Rodrigues da Costa, autor do *Espreitador do Mundo Novo*, do *Barco da Carreira dos Tolos* e do *Hospital do Mundo*, seus concorrentes e interlocutores de polêmica.

A sátira de diversos tipos sociais presentes e atuantes na sociedade portuguesa na transição do Antigo Regime para o liberalismo, dos estratos mais altos aos mais baixos, não obscurece um pensamento social em que avulta, sobretudo, a crítica aos de cima – ou aos que para lá caminham, tendo sempre presente que “pobre com rico não faz boa liga” (Ferreira 2020, 176-191).

Apesar da crueldade próxima ao humor negro – a expressão “quem he tolo pede a Deos que o mate” surge por duas vezes na obra (Tomo IV, 72 e 178) – são os “alquimistas do dinheiro alheio” os principais visados por esta combinação de sátira social e pícaro tardio (Carvalho 1974, 69-73) que, sintomaticamente, encontra na desarranjada cabeça do doido “os pensamentos mais acertados, unindo a moral com o rizo” (Tomo III, 219).

Sujeito ao tempo – “o tempo he que faz as cousas [...] vamos como elle quer, visto elle não querer o que eu quero” (Tomo III, p. 209-212) –, o riso que resulta da mordidela do Piolho – “se me morder de leve, hei de rir, e se me emendar algum vicio hei de chorar pelo não ter emendado antes, que ele mo anunciasse” (Tomo III, ix) – revela, afinal, a sua eficácia: subverte e esconjura o medo (Pereira 2016, 107-110).

Fonte

[Silva, António Manuel Policarpo da]. [1802-1804]. *O Piolho Viajante Divididas As Viagens Em Mil E Huma Carapuças. Obra muito útil para o Inverno, e para o Verão. Vertida da Lingua Piolha, com algumas notas do Traductor. Dividida Nos Tomos Que Forem, E Offerecida A Quem A Quizer.*

Tomo I. 1805. Lisboa: Nova Oficina de João Rodrigues Neves; 1846. Lisboa: Imprensa Nevesiana.

Tomo II. 1803. Lisboa: Oficina de António Rodrigues Galhardo; 1821. Lisboa: Nova Impressão da Viúva Neves e Filhos.

Tomo III. 1803. Lisboa: Oficina de João Procópio Correia da Silva; 1854. Lisboa: Tipografia de J. B. Morando.

Tomo IV. 1804. Lisboa: Oficina de António Rodrigues Galhardo; 1837. Lisboa: Imprensa Nevesiana.

Bibliografia

Abreu, Márcia. 2008. “Livros ao mar – circulação de obras de Belas Letras entre Lisboa e Rio de Janeiro ao tempo da transferência da corte para o Brasil.” *Tempo* 12, nº 24. 76-94. <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n24/a05v1224.pdf>.

Abreu, Márcia. 2013. “Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil.” *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira* 22, Nº. 1. 16. http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5363/4769

Alves, José Augusto Santos. 2005. *O Poder da Comunicação*. Lisboa: Casa das Letras.

Balbi, Adrien. 1822. *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe et suivi d'un coup d'œil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les portugais des deux hémisphères*. Tome Second. Paris : Chez Rey et Gravier, Libraires. <https://books.google.pt/books?id=otViAAAACAAJ&pg=PP9&lpg=PP9&dq=adrien+balbi+essai+statistique+sur+le+royaume+de+portugal&source=bl&ots=f5dS81yzPv&sig=Vmo618ApjrFBMBAATHJU23HQGrM&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwjrqXBmavQAUB74MKHbQTDPAQ6AEITTAH#v=onepage&q=adrien%20balbi%20essai%20statistique%20sur%20le%20royaume%20de%20portugal&f=false>.

Bastos, José Timóteo da Silva. 1926. *História da Censura Intelectual em Portugal (Ensaio sobre a compressão do pensamento português)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Bignotto, Cilza. “O Piolho Viajante, agora na rede”. *Margens do Cânone*. Campinas: Unicamp. S.d. Acesso em 10.06.2024. <http://www.unicamp.br/iel/memoria/MargensdoCanone/Piolho/index2.htm>.

Carroll. Noël. 2014. *Humour. A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.

Carvalho, José Adriano. 1974. “A picaresca tardia em Portugal: O Piolho Viajante.” *Colóquio/Letras* 19. 69. http://coloquio.gulbenkian.pt/grafica/cl/revistas/19/lg_19_p69.jpg.

Carvalho, Mário de. 1991. *Casos do Beco das Sardinheiras*. Lisboa: Caminho.

Ferreira, João P. R.. 2020. “O Humor Na Imprensa periódica Portuguesa (1797-1835).” *Revista Territórios E Fronteiras* 13 (1):176-91. <https://doi.org/10.22228/rtf.v13i1.1055>.

Ferreira, João Pedro Rosa. 2023. “What Did the Portuguese Laugh at 200 Years Ago?”. *The European Journal of Humour Research* 11 (2):106-20. <https://doi.org/10.7592/EJHR.2023.11.2.773>.

Fonseca, Fernando Taveira da. 1993. “Elite e classes médias”. In *História de Portugal. 5º Volume. O Liberalismo*, dir. José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores. 459-477.

Foucault, Michel. 1977. *Histoire de La Folie à l'Age Classique*. Paris: Gallimard.

França, José-Augusto. 2008. *Lisboa: História Física e Moral*. Lisboa: Livros Horizonte.



Garrett, J. B. L. de Almeida. 1976 [1846]. *Viagens na Minha Terra*. Mem Martins-Sintra: Publicações Europa-América.

Lafargue, Paul. 2002 [1883]. *Le droit à la paresse*. Chicoutimi: Québec. http://classiques.uqac.ca/classiques/lafargue_paul/droit_paresse/le_droit_a_la_paresse.pdf.

Silva, António Manoel Policarpo da. 1802. *Leituras Uteis e Divertidas. Traduzidas em Vulgar por Antonio Manoel Polycarpo da Silva*. Lisboa: Na Offic. de João Procopio Corrêa da Silva.

Lisboa, João Luís. 2015. “Read, watch and laugh (with eighteenth century humorous books).” In *Views on Eighteenth Century Culture, Design, Books and Ideas*, editado por Leonor Ferrão e Luís M. Bernardo. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing. 346-357.

Mendes, J. Amado. 1993. “As camadas populares urbanas e a emergência do proletariado industrial.” In *História de Portugal. 5º Volume. O Liberalismo*, dir. José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores. 493-496.

Minois, Georges. 2000. *Histoire du Rire et de la Dérision*. Paris: Fayard.

Palma-Ferreira, João. 1973. Prefácio, glossário e notas. In *O Piolho Viajante*, António Manuel Policarpo da Silva. Lisboa: Estúdios Cor.

Palma-Ferreira, João. 1981. *Obscuros e Marginados*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Palma-Ferreira, João. 1981. *Do pícaro na literatura portuguesa*. Lisboa: ICALP.

Pereira, Ricardo Araújo. 2016. *A Doença, o Sofrimento e a Morte Entram num Bar*. Lisboa: Tinta da China.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos. 1983. “«Os Fabricantes dos Gozos da Inteligência» – Alguns aspectos da organização do mercado de trabalho intelectual no Portugal de Oitocentos.” *Análise Social* XIX. N° 75. 7-16. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223461717T2jSC3in9Lg24ME5.pdf>.

Silva, António Martins da. 1993. “A desamortização.” In *História de Portugal. 5º Volume. O Liberalismo*, dir. José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores. 339-353.

Silva, Inocêncio Francisco da. 1867. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo VIII. Lisboa: Imprensa Nacional.

Tengarrinha, José. 2013. *Nova História da Imprensa Portuguesa. Das Origens a 1865*. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores.